



Anália Vieira do Nascimento, Uma Portoalegrense no Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro

Anália Vieira do Nascimento, A Writer from Porto Alegre in the Almanaque de
Lembranças Luso-Brasileiro

Cecil Jeanine Albert Zinani 

Universidade de Caxias do Sul

cezinani@terra.com.br

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Submissão | Received: 13/09/2021

Aprovação | Accepted: 17/11/2021

Publicação | Published: 19/03/2022



RESUMO

O propósito deste artigo é apresentar a escritora porto-alegrense Anália Vieira do Nascimento, destacando sua contribuição para o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, editado em Portugal entre 1851 e 1932. Anália, uma das onze senhoras gaúchas que participaram do Almanaque, teve uma atuação proeminente, tendo em vista que publicou durante 22 anos, de 1871 a 1893. Além da exposição de dados biográficos, procede-se à exemplificação das diferentes modalidades de textos publicados: passatempos (charadas, enigmas e logografos), poemas líricos e o único texto em prosa. Também são comentadas algumas epígrafes de diferentes produções, como também a recepção que a obra da autora teve em âmbito nacional e internacional.

Palavras-chave: Dados biográficos, Produção literária, Recepção da obra, Anália Vieira do Nascimento, História, História Literária

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present Anália Vieira do Nascimento, a writer from the southern Brazilian city of Porto Alegre, highlighting her contribution to the Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, edited in Portugal between 1851 and 1932. Anália, one of the eleven ladies from the state of Rio Grande do Sul to integrate the Almanaque, had an outstanding performance, since she published throughout 22 years, from 1871 to 1893. After presenting biographical details, different modalities of published texts are exemplified: pastimes (riddles, puzzles and logographs), lyric poems and one single text in prose. Some epigraphs in different productions are commented on, as well as the reception of the author's writings nationally and internationally.

Keywords: biographical details, Literary production, Reception, Anália Vieira do Nascimento, History, Literary history



1. Introdução

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* foi uma publicação editada em Lisboa que se estendeu por 81 anos, de 1851 a 1932, tendo mudado de denominação por três vezes: chamou-se, de 1851 a 1854, *Almanaque de Lembranças*, de 1855 a 1871, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e, finalmente, de 1872 a 1932, *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (SCHLEE, 2014, p. 10). Conforme foi alterando seu nome, o *Almanaque* ampliou o número de páginas e mudou de escopo, diversificando e expandindo as matérias que abordava. Curiosamente, os homens que colaboravam no *Almanaque* eram denominados autores, enquanto as mulheres, embora também fossem autoras, eram nomeadas, apenas, como “senhoras”, designação que evidencia o desprestígio das figuras femininas naquela época, ainda que, entre os três colaboradores sul-rio-grandenses com maior número de textos esteja uma mulher: Anália Vieira do Nascimento. Foi a autora sul-rio-grandense mais significativa, devido ao vasto tempo em que manteve sua colaboração no anuário, iniciada em 1871, perdurando até 1893. A participação de Anália ocorreu, quase totalmente, no *Novo*

Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, porém, para facilitar, o periódico será denominado como *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, *Almanaque de Lembranças*, ou, simplesmente, *Almanaque*.

De acordo com Vânia Pinheiro Chaves (2014), a produção gaúcha surgiu, pela primeira vez, no *Almanaque* para 1857, terminando, praticamente, em 1919, com uma aparição esporádica em 1932. Ainda conforme a autora, a primeira contribuição que se originou no Rio Grande do Sul foi de um português radicado nesse estado chamado Antônio Maria do Amaral Ribeiro, com textos em prosa e verso. Esse colaborador iniciou um movimento que culminaria com mais de oitenta escritores que participaram desse anuário. O escritor mais assíduo foi Damasceno Vieira, seguido pelo iniciador Antônio Maria do Amaral Ribeiro. Enquanto os autores apresentaram-se em volume alentado, as “senhoras” não ultrapassaram o minguado número de onze participações. No entanto, se for considerada a posição ocupada pela mulher tanto na família quanto na sociedade da província mais meridional do país, esse número passa a ser significativo.

2. Esboço de uma biografia

Quem foi Anália Vieira do Nascimento Fernandes? Como já foi afirmado, essa

colaboradora constante durante vinte e dois anos do *Almanaque de Lembranças*



Luso-Brasileiro nasceu em Porto Alegre, em 2 de setembro de 1854, casou-se com o bacharel em Direito Rodrigo Antônio Fernandes Lima, em 25 de janeiro de 1873, também em Porto Alegre, falecendo, na mesma cidade, em 24 de janeiro de 1911, aos 56 anos, vítima de gastroenterite. A data correta do nascimento da autora foi estabelecida pela pesquisa realizada por Beatriz Weigert, publicada na obra *Anália Vieira do Nascimento 1854-1911: estudo e antologia*, de 2017, cujas buscas, nos arquivos da Cúria Metropolitana, em Porto Alegre, resultaram na descoberta dos registros referentes ao batismo (que equivalia a uma certidão de nascimento), ao casamento, ao batismo de seu filho Abílio e ao falecimento da poetisa. A confusão ocorreu por conta de informações equivocadas presentes no *Dicionário*, de Sacramento Blake (1883), endossadas por Pedro Vilas Bôas (1974) e Nelly Novaes Coelho (2002), que consideram como data de nascimento 22 de fevereiro de 1855. Também concorreram para essa confusão poemas escritos pela autora. No poema “O mar”, publicado no anuário de 1875, Anália afirma ter 18 primaveras, o que não condiz com o efetivo ano de nascimento; além desse, publicado no *Almanaque* para 1876, o poema “Soneto” também induz ao equívoco, em que a autora alude aos “vinte invernos por auroras”, o que contribuiu para o engano de outras estudiosas. A explicação pode estar na discrepância entre as datas da escrita e da publicação dos poemas.

A família da escritora era, muito provavelmente, abastada, o que se deduz pelo nível de escolarização viabilizado aos filhos, todos cursaram a Escola Normal: João Damasceno Vieira Fernandes, poeta consagrado, tornou-se funcionário público, atuando na alfândega, outro irmão, Antônio Vieira Fernandes, dirigiu-se ao magistério, da mesma forma que Anália. Além disso, o nível cultural da poetisa, caso raro entre as mulheres da época, era bastante significativo, pois, de acordo com sua produção literária, tinha bom conhecimento de francês, conforme pode ser lido no poema “Soin”, publicado no *Almanaque* para 1878, no qual alterna versos em português e francês. Lia os clássicos, discutindo sobre essas leituras, como está evidenciado no texto “Carta”, publicado no *Almanaque* para 1882, em que tece comentários críticos sobre a obra *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. Além disso, acompanhava não apenas os movimentos literários que se estavam desenvolvendo, como também tinha acesso a conhecimentos filosóficos, científicos, conforme consta no poema “Epístola”, publicado no *Almanaque* para o ano de 1888.

Outro aspecto obscuro foi a carreira profissional de Anália, também devido à disparidade de registros. De acordo com o *Relatório dos Presidentes das Províncias do Império (RS) 1830-1889* e também com o *A Federação: Orgam do Partido Republicano*¹, Anália foi aprovada em concurso público e nomeada para exercer

¹ Pesquisa realizada no site:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&pesq=Annalia%20Vieira>. Acesso em 5 de maio de 2018.



atividades no magistério no Morro de Sant'Anna, em Porto Alegre. Rebecca Demicheli Sampaio (2019), em pesquisa realizada junto à Hemeroteca Digital da Fundação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, obteve resultado divergente, indicando que a autora fora designada como docente para a localidade de Despique, município de Montenegro. Como Anália nasceu, casou, teve um filho e faleceu em Porto Alegre, e, também, suas

contribuições para o *Almanaque de Lembranças* partiram dessa cidade, é mais provável que residisse e tivesse lecionado na capital gaúcha. Além disso, considerando as dificuldades de transporte, no século XIX, como ela poderia ter exercido o cargo de professora, que implicaria a presença diária na escola, em Despique, interior de Montenegro, caso residisse em Porto Alegre?

3. Anália: produção e recepção

De acordo com Weigert (2017), as publicações de Anália Vieira do Nascimento restringem-se ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, ainda que Sacramento Blake, no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, de 1883, e Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (1711-2001), refiram-se a textos presentes em outros veículos de comunicação, embora não tenham conseguido localizar em quais periódicos estariam essas contribuições. Sampaio (2019) localizou dois textos já veiculados pelo *Almanaque de Lembranças*, que vieram à luz no *Almanach popular*, de 1878, editado em Campinas por Hypolito da Silva, um deles é o acróstico “Num álbum”, publicado, primeiramente, em 1874. O outro texto é o poema “Soin”, veiculado, simultaneamente, nos dois almanaque referidos para o ano de 1878.

Outra questão importante é como a autora teria iniciado suas publicações no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,

considerando que, primeiramente, era uma mulher, e, como tal, não tinha muito acesso aos meios facultados ao segmento masculino da sociedade, e, em segundo lugar, a cultura sulina não era muito dada às letras e à produção intelectual. Weigert (2017) assinala que a produção de Anália no anuário teria precedido a de seu irmão Damasceno, cuja estreia teria ocorrido com a publicação de “Epístola amatória”, em 1872, o que seria, por si só, digno de nota. No entanto, Damasceno Vieira iniciou sua carreira no *Almanaque* um ano antes de Anália, em 1870, com o passatempo “Logogripho XII” (SAMPAIO, 2019), portanto, é provável que o contato da autora com o anuário tenha ocorrido por intermédio ou por sugestão do irmão. Da mesma forma que Damasceno, Anália iniciou sua trajetória na imprensa com logografos (espécie de enigma ou charada), a saber o “Logogripho XI”. A autora publicou, em mais de vinte anos de colaboração no *Almanaque*, trinta e sete trabalhos, assim distribuídos: um texto em



prosa, vinte poemas e dezesseis passatempos, incluindo-se aqui charadas, logografos e enigmas, sendo o primeiro um logográfico e o último o poema “Avante”, silenciando após 1893.

O texto em prosa denomina-se “Victor Hugo”, acrescido da palavra carta entre parênteses (Carta), no qual a autora comenta criticamente o romance *Os trabalhadores do mar*, do autor francês. Esse texto reveste-se de algumas peculiaridades interessantes, notadamente, tendo em vista que foi escrito ainda no século XIX e por uma mulher. Ao afirmar, no início do texto, “curvo-me submissa ante o fulgor olímpico desta majestade literária” (NASCIMENTO, 1882, p. 153), a autora inicia com um discurso elogioso, em que enaltece o autor das *Orientais*, a ponto de não poder “ler-lhe uma página sem que experimente uma forte impressão de deslumbramento” (idem, loc. sit.). A autora evidencia sua grande admiração pelo escritor, de cuja obra devia ser grande conchedora. No entanto, ao debruçar-se, especificamente, sobre *Os trabalhadores do mar*, livro tomado ao acaso, aponta alguns problemas, ainda que o considere “um pequeno poema”. O primeiro tópico consiste nas “superfluidades de erudição”, que comprometem a recepção, tendo em vista que “entibiam o entusiasmo do leitor”. Um bom texto literário não apresenta comentários desnecessários, ainda que o autor esteja ansioso por evidenciar seu grande cabedal de conhecimentos. Anália, ainda que tivesse o autor em grande consideração, não concordava com seus arroubos ilustrados. Ao abordar as personagens, valoriza o aspecto romântico

expresso pelo amor impossível do protagonista e seu sacrifício em prol da amada, enfatizando o idealismo que constitui uma das pedras angulares do Romantismo. Considerando que o Realismo iniciara há pouco tempo no Brasil, ao contrário da Europa, onde estava bem estabelecido, a autora contrapõe a perspectiva romântica à abordagem realista, marcando sua posição em favor do movimento anterior. De acordo com Anália (idem, loc. sit), “Para os espíritos educados na moderna escola será tudo piegas, sediço, risível. Eu, porém, como não estou ainda compenetrada do realismo que presentemente anda em moda nas regiões literárias, simpatizo imensamente com aquele mimoso e suave idílio”. Essa obra de Victor Hugo foi lançada em 1866, em pleno período realista francês. Ao deter-se na concepção de amor, demonstra a diferença de entendimento a partir de uma perspectiva feminina, conforme pode ser comprovado:

O congraçamento imaculado e puro de duas almas eleva-as acima do mundo vulgar, o qual não pode compreender o requinte de sentimentos expressos por semelhante forma. O amor como nós, as mulheres, o compreendemos, isolase assim, em uma reconcentração toda sagrada

(NASCIMENTO, 1882, p. 153).

Ainda que a autora não aprofunde mais essa linha de pensamento, é possível perceber que ela intuía a existência de uma percepção específica das mulheres. Numa época em que a crítica literária inaugurava seus primeiros passos, em que a capacidade de as mulheres realizarem um trabalho intelectual de valor era



questionada e em que os estudos feministas estavam longe de se tornarem uma realidade, a autora já se aventurava na publicação dessa modalidade de comentário, assinalando, inclusive, a diferença entre as percepções masculina e feminina sobre o amor. Esse aspecto configura a autora como uma feminista *avant-la-lettre*, tendo em vista que essa diferença de entendimento vai ser um tema explorado a partir da década de 80 do século XX, como pode ser verificado, por exemplo, em “Lendo como mulher”, capítulo da obra de Jonathan Culler *Sobre a desconstrução* (1997)². Nessa obra, a partir da leitura de determinado texto, o autor confronta o efeito que se opera nos imaginários de homens e de mulheres, assim, o que pode ser positivo para uns, torna-se afrontoso a outros.

Em relação aos passatempos, Anália era uma excelente logografista, e essa habilidade propiciou-lhe inúmeros contatos, especialmente, no além mar. Logografo é um termo pouco utilizado no contexto contemporâneo. É uma palavra formada por dois termos: logo (palavra, conhecimento) + grifo (animal fantástico com cabeça de águia e garras de leão), que indica algo obscuro, enigmático. De acordo com o *Dicionário Aurélio*, é uma “modalidade de charada em que as letras da palavra insinuada pelo conceito, parcialmente combinadas, formam outras palavras que é preciso adivinhar para chegar àquela” (HOLLANDA, 1986, p. 1045). Na verdade, resolver logografos

exige grande conhecimento e muito esforço. Logografos, charadas e enigmas eram contribuições bastante frequentes realizadas pelos colaboradores do *Almanaque* e, provavelmente, em outras modalidades de publicação. Por esse motivo, a escritora pelotense Sofia A. Benny, também participante do *Almanaque*, de acordo com Mello (2014), escreveu um poema em que homenageia os charadistas de Pelotas, o qual foi publicado no *Almanaque* para o ano de 1888.

Havia muitas trocas entre autores colaboradores do *Almanaque* além dos leitores que também participavam, resolvendo os enigmas ou propondo outros para a autora resolver. Conforme Weigert (2017), além de elaborar e resolver logografos propriamente ditos, Anália retomava essa temática em poemas, por exemplo, no “Logografo acróstico” para o anuário de 1872 (cfe. Weigert, 2017, p. 136), em que promete dar a quem decifrar o logografo vinte pares de botas e encher o chapéu de coisas boas, o que, efetivamente, não cumpre, ou, no “Logografo acróstico” publicado no *Almanaque* para 1874, no qual promete versos aos decifradores. Esse poema-logografo teve tal repercussão que provocou a escrita de outro, “Quadras”, publicado no anuário para 1876, dedicado aos ilustres cavalheiros que decifraram o logografo proposto no volume que circulara ano anterior. Seguem algumas estrofes ilustrativas:

Eu sinto com mágoa extrema

² Na verdade, essa obra foi publicada, originalmente, em 1982, com o título original de *On desconstruction: theory and criticism after structuralism*, pela Cornell University.



*não ser um ente exemplar,
que tenha o dote sublime
de poder adivinhar!*

*Só assim eu saberia
que tão distintos senhores
foram do meu logogrifo
sagazes decifradores!*

E mandar-lhes-ia logo

*(pois não falto ao que prometo)
quatorze versos truncados
com pretensões a soneto!*

.....
*Se quiserem ter o prêmio,
cada qual por mais ladino
me escreva pelo correio!*

Pelo fio submarino!

(NASCIMENTO, 1876, p. 15)

Em nota de rodapé, a autora cita nominalmente os referidos cavalheiros. Além desses, em nota seguinte, aponta o número 125 como o total das respostas que obteve provenientes algumas da costa da África e muitas de Portugal e do Brasil. Como ela havia prometido um poema a quem decifrasse o enigma, anunciou que mandara imprimir muitas cópias e iria remetê-las aos destinatários.

Além de “Quadras”, outros poemas retomam a temática do logogrifo, dedicados também a logografistas, sendo o último “O canto do sabiá”, publicado em 1877. Weigert (2017), em breve análise sobre esse aspecto da produção de Anália, aponta também que eram instauradas

polêmicas entre os colaboradores que se desafiavam mutuamente por meio de logografos, muitos deles em forma de poemas, ou acrósticos, com versos acompanhados ou não de algarismos que possibilitassem a decodificação. Segue um fragmento de logogrifo acróstico:

*Se algum feliz mortal acaso o decifrasse
Eu uns versos daqui lhe dedicasse.*

*Foi um amante infeliz, pondo uma letra a esta.
1,2*

*O homem, cuja vida a um sábio foi funesta.
6,5,3*

*Riqueza pode dar; nem sempre dá ventura.
7,2,6*

*É nome d'homem, sim; eu disso estou segura.
6,4,2*

*Ministro... Se a memória agora não me engana.
1,6,7*

*Com um certo tecido, é filho de Diana.
1,3*

*A prima uma vogal, é máquina engenhosa.
6,3,4,3*

*Planta medicinal, no entanto é venenosa.
6,7,5,3*

*Árvore (no plural) que serve pr'a navios.
6,7,4*

*Zangando-se o leitor, terá suores frios...
6,3,5,3*

*Espada muito curta, àquela pondo acento.
7,3*

*Serve, ó lá se serve! e dá-te movimento.
3,5,7*

.....



O logogrifo completo estampa a frase: SE FOREM CAPAZES DECIFREM ISTO. A última estrofe não deixa de ser curiosa, ainda que mais factível do que a promessa dos vinte pares de botas e das coisas boas:

Prometo:

*Um soneto ao mortal inteligente,
que na decifração meter o dente.
Arde, dizem que arde – e assim Deus
de bondade
nos livre a todos de tal calamidade.*

(NASCIMENTO, 1874, p. 194, 195)

A temática predominante nos poemas de Anália privilegia conteúdos caros ao Romantismo como morte, infelicidade, tempo que passa, saudade, exílio, natureza. A vertente lírica da autora estava presente, também, em poemas de circunstância escritos em álbuns de pessoas amigas, em que utiliza a modalidade de acróstico.

O primeiro poema publicado foi “Lucília” para o Almanaque para 1873, cuja epígrafe de Tomás Ribeiro, remete à morte, tema dessa composição formada por três estrofes com sete versos decassílabos cada uma. Na primeira estrofe, o eu-lírico lamenta o precoce desaparecimento de Lucília, denominada de irmã, vítima de uma desgraça que a conduziu a tão triste desenlace, como pode ser verificado no fragmento a seguir:

.....
*Ai! sei que foste vítima inocente
de atroz fatalidade, e tristemente*

te envolveste no pó da sepultura.

(NASCIMENTO, 1873, p. 379)

Na segunda estrofe, ocorre uma mudança, o tom elegíaco do início transforma-se em revolta pelo ocorrido:

E morreste, e caíste nesse abismo...

.....
Tua aurora gentil trocou-se em noute!

*Maldito o arcanjo mau que despenhou-
te*

do sepulcro na tétrica voragem!

(NASCIMENTO, 1873, p. 379)

A terceira estrofe recupera uma perspectiva conformista, evocando o repouso solitário do túmulo:

*Ai! dorme querubim c'roado em rosas!
Não perturbo o sossego que tu gozas
na fria solidão de tua campa.*

(NASCIMENTO, 1873, p. 379).

Aliada à sensibilidade para tratar dos temas sobre os quais se debruça, Anália explora recursos da linguagem poética com habilidade, criando efeitos de musicalidade ao utilizar rimas preciosas (noute / despenhou-te), aliterações (tua aurora gentil trocou-se em noute), assonâncias (por uma realidade sem ventura). Também cria imagens fortes ao evocar a sepultura como “tétrica voragem”, referida na segunda estrofe e reiterada no segundo e sétimo versos; na terceira estrofe, a imagem suaviza-se em “campa e lousa”



harmonizando-se com o tom mais ameno de aceitação.

Outra modalidade de poema utilizado é o acróstico, no qual as letras iniciais dos versos reproduzem o nome da pessoa homenageada. É o caso de “Num álbum”, publicado no *Almanaque* para o ano de 1874, dedicado a sua amiga Leopoldina, no qual o eu lírico evoca uma jovem muito bonita com grandes expectativas para o futuro, exortando a amiga a dedicar-se ao presente e a evitar o amor, porque viver de amores é causa de atribulações e de infelicidade. O único amor verdadeiro está em Deus, tendo em vista que é infinito.

Linda donzela de um olhar tão puro
É teu futuro de esplendores cheio,
O teu semblante jovial não mente,
Passas contente, és feliz: eu creio.
Olha o presente – que viçosas flores!
Lindas nas cores, no sutil perfume...
Deixa, não ames, o amor mais terno,
Imenso, eterno, no Senhor resume!
Não ames nunca, que viver de amores
A alma condena a cruciantes dores!

(NASCIMENTO, 1874, p. 332).

Um poema que se distancia desse modelo é “Epístola”³, composto por 37 estrofes, dedicado a António Xavier Rodrigues Cordeiro, editor do *Almanaque*, publicado no anuário para 1880. É uma espécie de

resposta à sugestão do editor para que a autora se dedicasse a novas possibilidades de composição: “Ao vosso grito de *Avante! / para a honra do Brasil!* Eu senti no mesmo instante / grande inquietação febril (WEIGERT, 2017, p. 105)⁴. A partir dessa estrofe, o sujeito poético propõe-se a abandonar charadas e logografos para dedicar-se a outras modalidades, iniciando uma série de questionamentos que evidenciam suas dúvidas que se concentram fundamentalmente a qual movimento literário deve se dedicar, se ao Realismo ou ao Romantismo.

Nesse poema, Anália evidencia conhecimentos a respeito do Realismo, uma nova estética que já se consolidara na Europa e que ainda não havia sido inaugurada no Brasil, o que ocorreria no ano de 1881. Cabe lembrar que a autora deveria ter escrito o poema em data anterior a 1880 para ser publicado nesse anuário. O poema com 37 estrofes é vasado em duas modalidades de metro: redondilhas maiores e decassílabos. O eu-lírico afirma ter abandonado os enigmas, que reputa de obscuros, e, em blocos alternados de estrofes, questiona sua filiação ao Romantismo ou ao Realismo. Essa discussão estende-se ao longo do poema, quando chega à conclusão de que não dispõe de conhecimentos que atendam às diretrizes de ambos movimentos, concluindo que deve permanecer como logografista. O sujeito poético caracteriza, brevemente, os movimentos literários, por meio de metáforas, expressas em

³ Como o NALLB para o ano 1880 não foi localizado, este estudo fundamentou-se na transcrição da pesquisadora da Universidade de Évora Beatriz Weigert: Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2017. E-Book.

⁴ Como as citações do poema foram copiadas da obra supracitada, será referido apenas o número da página.



redondilhas maiores, para, nas duas estrofes posteriores, exemplificar o que seria sua adesão ao Romantismo em versos decassílabos. A crítica aparece na estrofe seguinte, em versos redondilhos novamente: “Isto é muito pungitivo! / (Dirão da moda os leões)” (p. 105), orientando-a a ocupar-se com recitativos para saraus, no que são logo atendidos. No entanto, as críticas perduram, o que a induzem a uma nova proposta: versejar utilizando versos alexandrinos com rimas interpoladas (A, B, B, A), o que também não agrada, assim o sujeito lírico retoma utilizando versos redondilhos: “Porém não: tenho entendido, / poetar dessa maneira / era ter como apelido / comunista, petroleira...” (p. 107), o que remete para um tópico relevante desse poema que é o comentário sobre a recepção da literatura produzida por mulheres. Esse aspecto evidencia a existência, pelo menos da parte desta autora, da consciência da discriminação que a literatura de autoria feminina estava sofrendo, tema que tem sido muito focalizado em estudos contemporâneos. Essa mesma perspectiva fica bastante evidente na maneira como o *Almanaque* se referia aos colaboradores: os homens eram chamados de autores e as mulheres, de senhoras, como já foi referido. Esse poema talvez seja o que melhor evidencia a maestria da autora, não apenas no domínio de metros e rimas, mas de seu entendimento da diferença no fazer poético de movimentos literários tais como o Romantismo e Realismo. Aborda sua falta de domínio em relação a conhecimentos acadêmicos, alegando não ter “estudos bastantes / nem dotes de inteligência”, além de não ter conquistado “pergaminhos

de doutora”, “frequentado liceus” ou “academias” (p. 109), ainda que suas referências a teoria literária, filósofos, cientistas destituía sua afirmação anterior.

Ana Maria Lisboa de Mello, no estudo publicado na obra *Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, de 2014, aponta qualidades literárias na poesia de Anália, presentes na utilização de imagens e de ritmos, associando sua visão pessimista e melancólica a poetas franceses românticos, cujo estilo prolongou-se pelo Simbolismo ou Decadentismo. Também constata o caráter polifônico do poema metalinguístico “Epístola”, publicado em 1880, cujas diferentes vozes contribuem para marcar as concepções poéticas do eu-lírico, como já foi abordado.

“Soin” é uma das raras composições de Anália presentes em mais de um veículo, visto que foi publicado no *Almanaque* para o ano 1878 e também no *Almanach popular*, editado por Hypolito da Silva, em Campinas, São Paulo, para o mesmo ano. Consiste em um poema que alterna versos em português e francês, dedicado a uma amiga de sobrenome francês: Heloísa de la Tour Dufresne. A temática é comum a outros poemas, alertar a amiga formosa e gentil sobre os perigos do mundo cruel e traíçoeiro, exortando-a a permanecer no caminho da virtude. Sua habilidade no manejo do idioma permite-lhe seguir uma métrica rigorosa nas duas línguas além de rimar termos em português ou francês entre si e também termos em português e em francês (gentil / *périls*; manhã / *serpents*; fingir / *tressaillir*).



“Se o mundo chamar-te
formosa e gentil,
vê bem que te cercam
beaucoup de périls! “

Não chores ante o plácido retiro!
Não despertes a mártir! Teu suspiro
Se confunda ao suspiro do cipreste
(NASCIMENTO, 1887, p. 211)

“Eu vi muitas vezes
em linda manhã
dormir sob flores
de três laids serpents!”

“Há muito quem saiba
somente fingir!
O mundo é comédia,
que fait tressaillir!”

(WEIGERT, 2017, p. 102)

O tom elegíaco predomina no poema “Goivos” que foi publicado em duas oportunidades, primeiramente, no suplemento do *Almanaque* para o ano de 1887 e, posteriormente, no anuário que circulou em 1888. Trata-se de uma homenagem prestada pela autora, devido ao falecimento de D. Maria da Piedade Moreira Freire de Aboim Cordeiro, esposa do Dr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, editor do *Almanaque*. É um soneto vazado em versos decassílabos, cujos tercetos finais exortam a Musa, a quem se dirige o eu-lírico, a deixar a morta repousar em paz:

Procura após, a mal cerrada lousa
Em que, longe dos seus, ela repousa,
Saudosa, envolta num sonhar celeste!

Anália valorizava os elementos paratextuais, visto que, epígrafes e dedicatórias também são dignas de menção. Praticamente, todas as publicações portam dedicatórias, e muitas delas trazem epígrafes. O “Logogrifo XI” primeiro trabalho publicado no *Almanaque* (1871), é dedicado ao Sr. Manuel Maria Lúcio, em que a autora retoma logografos presentes nesse periódico em 1867 e 1869. O primeiro poema lírico “Lucília”, publicado em 1873, utiliza como epígrafe o seguinte fragmento da obra *Dom Jaime ou a dominação de Castela*, do poeta ultrarromântico português Tomás Ribeiro: “Pomba de minha paz, porque morreste, / deixando-me tão só na arca sem rumo, / sobre o infinito mar?” Esse poema lamenta a morte da jovem Lucília, cognominada de “irmã” pelo sujeito lírico, cuja epígrafe ilustra muito adequadamente. No poema de circunstância denominado “Num álbum” (1874), com o formato de acróstico, a poetisa vale-se do idioma francês, elegendo um fragmento do poeta Évariste Desiré de Forges, Visconde de Parny: “De votre nom j’embillirais mes vers” (Com vosso nome embelezarei meus versos). Justificando essa escolha, o poema apresenta o nome da pessoa homenageada: LEOPOLDINA. Como último exemplo, escolheu-se a epígrafe que ilustra o poema “No mar” e que é antecedida da observação: “(Fragmentos) No dia dos meus anos, 2 de setembro de 1873”. “A



Juventude / É muitas vezes a estação das dores". Essa epígrafe é referida como pertencente à tragédia shakespeariana *Otelo*, no entanto, Anália atribui a autoria a Gonçalves de Magalhães que, na verdade, foi um tradutor/adaptador de algumas tragédias do dramaturgo inglês, utilizando uma versão francesa (VERÍSSIMO, 1998). Magalhães foi grande fomentador do teatro, em sua época, tendo traduzido essas tragédias para a companhia de João Caetano. A relação da epígrafe com o poema consiste no sofrimento do eu lírico que lamenta o destino que o leva a afastar-se de seu pátrio lar, tão cheio de atrativos bem como a morte de suas ilusões no dia em que contava dezoito primaveras.

Outro aspecto digno de nota é a recepção que a obra da autora teve em âmbito nacional e internacional, que pode ser traduzida tanto pelas respostas a suas provocações/convites para que colaboradores ou leitores resolvessem os passatempos propostos, quanto pelas homenagens que recebeu de seus pares. A maioria dos escritos da autora foi dedicada a outros colaboradores, estabelecendo uma interlocução que se prolongou até cinco anos após seu silenciamento. O início desse processo ocorreu no primeiro texto publicado pela autora para o anuário de 1871. O "Logogripho XI" foi dedicado ao Sr. Manoel Maria Lúcio, de Portugal, que escrevera um logogrifo em resposta a outra colaboradora, Catarina Máxima de Figueiredo, a qual havia feito a provocação no anuário publicado em 1869 (SAMPAIO,

2019), utilizando mote e glosa, exercício poético muito comum desde épocas antigas. Alguns sonetos são respostas a leitores que haviam decifrado seus enigmas, como o caso do sr. José Joaquim de Matos, de Escalhão, Portugal, que envia ao almanaque o soneto que Anália lhe remetera, ou ainda, do sr. André de Quental que publicou um soneto dedicado à autora na modalidade de um acróstico em que as letras iniciais dos versos formam a frase: O AUTOR AGRADECE (WEIGERT, 2017), pela resolução de seu passatempo. O editor do *Almanaque*, Dr. Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, ao fechar a edição para 1884, percebeu que não havia colaboração de Anália, registrando seu estranhamento numa pequena nota em que pergunta onde está a madrugadora devota: "**Ailana madrugadora devota (Brasil)**". Que é feito da madrugadora? Que é feito da devota? Perguntamos porque acostumados a vê-la, e ninguém nos responde...! Não haverá um eco que em 1885 – nos diga: – Voltou – aqui está!⁵ Na edição do ano seguinte, a autora publica o poema "Voltei" no qual explica que o motivo de sua ausência foi uma enfermidade. Não apenas autores, mas também "senhoras" homenagearam a autora. A última homenagem ocorreu em 1898, quando uma colaboradora chamada Violeta oferece o "Logogripho IV" para a poetisa sul-rio-grandense, cerca de cinco anos após Anália deixar de publicar no anuário.

Entre os autores que ofereceram poemas à poetisa porto-alegrense, podem ser

⁵

Disponível em
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706980&view=1up&seq=72&skin=2021> Acesso em 3 ago 2021.



citados, entre outros, Joaquim Elias de Albuquerque que lhe dedicou o poema “Salve”, publicado em 1879, João Bastos, o poema “Avante! Avante!”, em 1885, Castor Phamur, “Agradecimento”, em 1886, ou Benjamim Carvalho de Oliveira, “Homenagem”, no suplemento do anuário para 1887. Entre os logografistas que a homenagearam, destacam-se Manoel Maria Lúcio, com o “Logografo III”, de 1872 e duas colaboradoras brasileiras, Georgina de Maupin, da Bahia, com o “Logografo VI (por letras)”, e Luísa Amélia, de Paraíba do Piauí, com o “Logografo XXI, ambos veiculados no *Almanaque* para 1882 (WEIGERT, 2017).

A consideração pela autora pode ser inferida pelo formato de tratamento que lhe era atribuído nas dedicatórias. É referida como “insigne poetisa porto-alegrense”, “maviosíssima poetisa rio-grandense”, “mimosa poetisa rio-grandense Anália Vieira do Nascimento, “festejada poetisa”, “inspirada”, “distinta”, “insigne”, “maviosíssima” (WEIGERT, 2017), o que atesta a recepção de seus textos pelos leitores/colaboradores do *Almanaque*. Outro ponto importante é que boa parte desses interlocutores provém de Portugal, outros do Brasil, porém, curiosamente, nenhum do Rio Grande do Sul.

4. Considerações Finais

Um tópico para reflexão refere-se à não-presença desta autora numa organização de cunho cultural da dimensão da Sociedade Partenon Literário, entidade com sede em Porto Alegre (RS) que congregou nomes relevantes das letras sulinhas, cuja *Revista Mensal* foi grande fomentadora da intelectualidade da época. O irmão de Anália, Damasceno Vieira, era sócio honorário, além disso, havia autoras que participavam como as senhoras Luciana de Abreu, Revocata Heloísa de Melo, Luísa de Azambuja e Amélia dos Passos Figueiroa, também porto-alegrenses contemporâneas de Anália, as quais publicavam nessa revista. Ainda que tivesse participado, por largos anos, de uma publicação internacional como o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*,

a autora permaneceu uma ilustre desconhecida em sua terra natal.

O conhecimento sobre Anália Vieira do Nascimento somente foi possível devido ao trabalho arqueológico que vem sendo realizado, no sentido de resgatar figuras femininas que estavam completamente esquecidas no cenário literário, ainda que tenham contribuído, dentro de suas possibilidades, para ampliar o universo literário daquela época. É importante verificar como uma publicação de caráter popular, como um almanaque, oportunizou a divulgação de vocações literárias, ainda mais em se tratando de mulheres, cuja situação sociocultural era singularmente desprestigiada devido ao restrito acesso à educação formal e à pouca representatividade social. Considerando



que Anália publicou durante mais de vinte anos no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, torna-se mister que seu trabalho seja reconhecido como um marco das letras sulinas em dimensão internacional,

removendo-se o véu da invisibilidade e possibilitando que sua voz seja ouvida, para que assim ela possa ser inserida no elenco dos autores presentes na história da literatura.

BIBLIOGRAFIA

- BLAKE, A. V. S. (1883). Diccionario bibliographico brazileiro. Tipographia Nacional.
- CHAVES, V. P. (2014). O Almanaque de Lembranças e o Rio Grande do Sul. In: CHAVES, Vânia Pinheiro (Ed.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Gradiva, p. 35-54.
- COELHO, N. N. (2002). Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001). Escrituras.
- CULLER, J. (1997). Sobre a desconstrução. Tradução de Patricia Burrowes. Record; Rosa dos Tempos.
- FEDERAÇÃO (A): Orgam do Partido Republicano de 24 de abril de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=252263&pесq=Annalia%20Vieira> Acesso em 5 de maio de 2018.
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1873. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717010&view=1up&seq=7&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1874. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084716905&view=1up&seq=9&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1876. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433084717028&view=1up&seq=1&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1882. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706956&view=1up&seq=13&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1884. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044048706980&view=1up&seq=72&skin=2021>
- NOVO Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1887 (suplemento). <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.b0000046102&view=1up&seq=5&skin=2021>
- MELLO, A. M. L. de (2014). A poesia lírica no Almanaque de rio Lembranças. Um caso: Anália Vieira do Nascimento. In: CHAVES, Vânia Pinheiro (Ed.). In: *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Gradiva, p. 55-73.
- SAMPAIO, R. D. (2019). Produção e recepção de Anália Vieira do Nascimento no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (1871-1898). [Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul].



BIBLIOGRAFIA

- <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/5215/Dissertacao%20Rebecca%20Demichelis%20Sampaio.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- SCLHEE, A. G. (2014). O presente e o passado de um almanaque. Prefácio. In: CHAVES, V. P. (Ed.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Gradiva. p. 7-24
- VERÍSSIMO, J. (1998). História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). *Letras & Letras*. (Edição comemorativa).
- VILAS BÔAS, P. (1974). Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores. *A Nação*.
- WEIGERT, B. (2017). Anália Vieira do Nascimento: 1854-1911. Biblioteca Nacional de Portugal. E-Book.